

PSICOPEDAGOGIA CLÍNICA: A ATUAÇÃO DO PSICOPEDAGOGO NO DESENVOLVIMENTO EMOCIONAL E COGNITIVO

**CLINICAL PSYCHOPEDAGOGY: THE PSYCHOPEDAGOGUE'S PRACTICE IN
PROMOTING EMOTIONAL AND COGNITIVE DEVELOPMENT**

Ciências Humanas, Ciências da Saúde • 28/07/2026

REGISTRO DOI: [10.70773/revistatopicos/785036687](https://doi.org/10.70773/revistatopicos/785036687)

Carlos Barros da Silva¹

RESUMO

Este artigo analisa a atuação do psicopedagogo no contexto clínico e suas contribuições para o desenvolvimento emocional e cognitivo de sujeitos com dificuldades de aprendizagem. O estudo teve como objetivo compreender a importância da avaliação psicopedagógica, identificar estratégias de intervenção utilizadas no atendimento clínico e discutir a relação entre afetividade, cognição e aprendizagem. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, de abordagem qualitativa, exploratória e descritiva, desenvolvida a partir da análise de dez artigos científicos publicados entre 2020 e 2024. Os resultados evidenciam que a atuação psicopedagógica clínica envolve investigação ampla da história de vida, das relações familiares, das potencialidades e das dificuldades apresentadas pelo aprendiz. Destacam-se como recursos de intervenção os jogos, as brincadeiras, as atividades psicomotoras, a expressão artística e a escuta qualificada. Conclui-se que o psicopedagogo favorece a autonomia, a autoestima, a organização do pensamento e a construção de estratégias para a aprendizagem, ao considerar o sujeito de forma integral e respeitar suas singularidades.

Palavras-chave: Psicopedagogia clínica; Aprendizagem; Desenvolvimento cognitivo; Afetividade; Intervenção psicopedagógica.

ABSTRACT

This article analyzes the role of the psychopedagogue in the clinical context and its contributions to the emotional and cognitive development of individuals with learning difficulties. The study aimed to understand the importance of psychopedagogical assessment, identify intervention strategies used in clinical care, and discuss the relationship between affectivity, cognition, and learning. This is a bibliographic, qualitative, exploratory, and descriptive study

based on the analysis of ten scientific articles published between 2020 and 2024. The findings show that clinical psychopedagogical practice involves a broad investigation of the learner's life history, family relationships, strengths, and learning difficulties. Games, play activities, psychomotor practices, artistic expression, and qualified listening stand out as intervention resources. It is concluded that the psychopedagogue promotes autonomy, self-esteem, thought organization, and the development of learning strategies by considering the individual as a whole and respecting their unique characteristics.

Keywords: Clinical psychopedagogy; Learning; Cognitive development; Affectivity; Psychopedagogical intervention.

1. INTRODUÇÃO

A aprendizagem humana é um processo complexo, influenciado por aspectos cognitivos, emocionais, sociais, familiares e culturais. Quando surgem dificuldades persistentes na leitura, escrita, atenção, organização ou resolução de problemas, torna-se necessário investigar os fatores que interferem nesse percurso, evitando interpretações limitadas ao desempenho escolar. Nesse cenário, a psicopedagogia se destaca por estudar a relação do sujeito com o conhecimento e por desenvolver estratégias que favoreçam a superação de obstáculos à aprendizagem. Cunha e Lucion (2020) ressaltam que a atuação psicopedagógica envolve a identificação das dificuldades apresentadas pelo aprendente e a articulação com a família, a escola e outros profissionais.

No contexto clínico, o psicopedagogo realiza um atendimento individualizado, direcionado à compreensão das potencialidades, necessidades e formas particulares de aprender de cada sujeito.

Essa atuação não se restringe à aplicação de atividades pedagógicas, pois abrange a escuta qualificada, a anamnese, a observação do comportamento, a análise da história de vida e o estabelecimento de vínculos. Vasconcellos, Vieira e Goldsztajn (2021) destacam que a avaliação psicopedagógica deve considerar o sujeito em sua totalidade, integrando dimensões cognitivas, afetivas, relacionais e simbólicas que participam da construção do conhecimento.

A dimensão emocional possui influência direta sobre o desenvolvimento cognitivo e sobre a disponibilidade para aprender. Sentimentos como insegurança, medo de errar, ansiedade, frustração e baixa autoestima podem intensificar dificuldades já existentes, comprometendo a participação do indivíduo em situações de aprendizagem. Por outro lado, um ambiente clínico acolhedor, baseado em confiança e valorização das conquistas, pode fortalecer a autonomia e o interesse pelo conhecimento. Damaceno (2021) evidencia que a afetividade, a motricidade e a cognição devem ser compreendidas de maneira integrada nas intervenções psicopedagógicas, pois constituem dimensões inseparáveis do desenvolvimento humano.

A prática clínica também possibilita a elaboração de estratégias interventivas compatíveis com as características e necessidades de cada aprendente. Jogos, brincadeiras, atividades artísticas, leitura, produção textual, recursos psicomotores e situações-problema podem ser utilizados de forma planejada para estimular funções como atenção, memória, linguagem, raciocínio lógico, criatividade e expressão emocional. Bady (2021) demonstra que intervenções psicopedagógicas mediadas pela arteterapia podem contribuir para a superação de bloqueios cognitivos, favorecendo o

desenvolvimento global e a reconstrução da relação do sujeito com a aprendizagem.

A relevância desta pesquisa está na necessidade de ampliar a compreensão sobre a atuação do psicopedagogo no espaço clínico, especialmente diante da diversidade de demandas relacionadas às dificuldades e aos transtornos de aprendizagem. A avaliação criteriosa permite identificar hipóteses explicativas e planejar intervenções que respeitem o ritmo, a história e as potencialidades do indivíduo. Barbosa (2021) aponta que a avaliação e a intervenção psicopedagógicas são fundamentais para reconhecer dificuldades específicas e organizar estratégias que contribuam para avanços na leitura, escrita, aritmética e participação escolar.

Diante disso, este estudo parte da seguinte questão-problema: de que forma a atuação do psicopedagogo no contexto clínico contribui para o desenvolvimento emocional e cognitivo de sujeitos com dificuldades de aprendizagem? O objetivo geral é analisar a atuação do psicopedagogo clínico no favorecimento do desenvolvimento emocional e cognitivo. Especificamente, busca-se compreender a importância da avaliação psicopedagógica, identificar estratégias de intervenção utilizadas no atendimento clínico e discutir a relação entre afetividade, cognição e aprendizagem. Assim, a pesquisa justifica-se por contribuir para a valorização de práticas clínicas individualizadas, éticas e integradas, capazes de promover maior autonomia e participação do aprendente em seus diferentes contextos de vida.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1. Psicopedagogia Clínica e a Atuação do Psicopedagogo

A psicopedagogia constitui uma área interdisciplinar voltada à compreensão dos processos de aprendizagem e dos fatores que podem dificultá-los. Seu campo de estudo não se limita ao desempenho escolar, pois considera a forma como o sujeito aprende, estabelece vínculos com o conhecimento e responde aos desafios presentes em sua trajetória. A psicopedagogia clínica, especificamente, desenvolve atendimentos individualizados, com o propósito de investigar dificuldades, reconhecer potencialidades e propor intervenções adequadas às necessidades do aprendente. Conforme Cunha e Lucion (2020), o psicopedagogo atua na identificação e na intervenção diante das dificuldades de aprendizagem, podendo dialogar com a família, a escola e outros profissionais.

A atuação clínica exige uma compreensão ampla do sujeito, uma vez que os problemas de aprendizagem podem estar relacionados a diferentes elementos. Questões emocionais, familiares, pedagógicas, sociais, cognitivas e orgânicas podem interferir na construção do conhecimento e na participação do indivíduo em situações de aprendizagem. Dessa forma, o psicopedagogo não deve reduzir a queixa a uma dificuldade isolada, mas analisar o contexto em que ela se manifesta. Vasconcellos, Vieira e Goldsztajn (2021) defendem que o processo psicopedagógico precisa considerar o sujeito como um ser racional, afetivo, relacional e inserido em uma história de vida.

No espaço clínico, o psicopedagogo busca compreender como o aprendiz se relaciona com a leitura, a escrita, os números, os jogos, os desafios e os erros. A observação dessas relações permite identificar comportamentos como recusa, insegurança, ansiedade, impulsividade, desatenção ou baixa tolerância à frustração. Tais manifestações não devem ser interpretadas apenas como falta de interesse, pois podem indicar dificuldades mais profundas na relação estabelecida com o aprender. Os bloqueios cognitivos podem afetar o desenvolvimento global do sujeito e demandam intervenções que valorizem suas formas de expressão e suas possibilidades de reconstrução (Bady, 2021 p. 11).

A psicopedagogia clínica diferencia-se da atuação institucional pelo foco no atendimento individualizado e na investigação detalhada da queixa apresentada. Embora mantenha diálogo com a escola e a família, a clínica organiza um espaço de escuta, avaliação e intervenção direcionado às singularidades do indivíduo. Esse atendimento favorece a identificação de estratégias mais compatíveis com o ritmo de desenvolvimento, os conhecimentos prévios e as necessidades específicas do aprendiz. Resende e Campos (2024) destacam que a atuação psicopedagógica clínica envolve avaliações e intervenções individualizadas, especialmente quando há demandas relacionadas ao desenvolvimento e à aprendizagem.

O vínculo estabelecido entre psicopedagogo e aprendente é um elemento essencial para o desenvolvimento do trabalho clínico. A confiança permite que o sujeito expresse dúvidas, receios, interesses e dificuldades sem se sentir julgado por seus erros. Quando o atendimento é conduzido com acolhimento, respeito e valorização das conquistas, torna-se possível fortalecer a autoestima e a disposição para enfrentar desafios. Gomes e Pavão (2021) ressaltam que a escuta dialogal e o vínculo terapêutico são componentes relevantes do acompanhamento psicopedagógico, pois contribuem para a construção de metas e para o envolvimento do sujeito no processo de aprendizagem.

O psicopedagogo clínico também atua como mediador entre o sujeito e o conhecimento. Essa mediação não significa fornecer respostas prontas, mas criar condições para que o aprendente desenvolva estratégias próprias de pensamento, organização e resolução de problemas. Por meio de propostas planejadas, o profissional estimula a curiosidade, a autonomia e a capacidade de refletir sobre os próprios procedimentos. Oliveira, França e Rodrigues (2020) apontam que a intervenção psicopedagógica pode utilizar recursos objetivos e subjetivos para auxiliar o sujeito na elaboração de conhecimentos e na superação de dificuldades.

A atuação clínica requer postura ética, escuta sensível e reconhecimento dos limites profissionais. O psicopedagogo deve compreender que determinadas situações podem demandar encaminhamento ou atuação conjunta com psicólogos, fonoaudiólogos, terapeutas ocupacionais, neurologistas, psiquiatras ou outros especialistas. Essa prática multiprofissional evita interpretações simplificadas e possibilita uma atenção mais completa às necessidades apresentadas. Cunha e Lucion (2020)

assinalam que o enfrentamento das dificuldades de aprendizagem pode envolver parceria entre profissionais e integração com os contextos familiar e escolar.

2.2. Avaliação e Intervenção no Contexto Psicopedagógico Clínico

A avaliação psicopedagógica clínica é uma etapa fundamental para compreender a natureza da queixa apresentada e orientar o planejamento das intervenções. Ela não se resume à aplicação de atividades ou testes, pois envolve a análise da história de vida, do percurso escolar, das relações familiares, das experiências emocionais e da forma como o sujeito se posiciona diante do conhecimento. Esse processo permite levantar hipóteses sobre os fatores que podem estar interferindo na aprendizagem. Vasconcellos, Vieira e Goldsztajn (2021) apontam que a avaliação deve integrar aspectos cognitivos, afetivos, familiares e relacionais para que a compreensão do caso seja mais ampla.

A entrevista inicial com os responsáveis e com o próprio aprendente é um recurso importante no processo de avaliação. Por meio dela, é possível conhecer a queixa principal, as expectativas da família, as experiências escolares anteriores e os acontecimentos que podem ter influenciado o desenvolvimento. Também se identificam informações sobre rotina, relações familiares, interesses, dificuldades percebidas e estratégias já utilizadas para auxiliar o sujeito. Segundo Vasconcellos, Vieira e Goldsztajn (2021), a anamnese possibilita compreender elementos da história do indivíduo e da dinâmica familiar que podem repercutir em sua relação com a aprendizagem.

A observação clínica permite analisar como o aprendente reage diante de propostas, regras, erros e situações que exigem esforço

mental. Durante as sessões, o psicopedagogo pode perceber aspectos relacionados à atenção, à memória, à organização, à linguagem, ao raciocínio lógico, à criatividade, à coordenação motora e à autonomia. A forma como o sujeito escolhe materiais, inicia tarefas, solicita ajuda ou abandona uma atividade oferece informações importantes para a compreensão do processo de aprender. Barbosa (2021) demonstra que a avaliação psicopedagógica pode contribuir para a formulação de hipóteses e para a definição de intervenções mais adequadas às dificuldades apresentadas.

Os instrumentos utilizados no atendimento devem ser selecionados de acordo com os objetivos da avaliação e com as características do sujeito. Jogos, desenhos, leitura, escrita espontânea, atividades matemáticas, histórias, desafios de lógica e tarefas de organização podem auxiliar na observação das habilidades e dificuldades. Esses recursos não devem ser utilizados de forma mecânica, mas como possibilidades de investigar o pensamento, a expressão emocional e as estratégias mobilizadas pelo aprendente. Oliveira, França e Rodrigues (2020) ressaltam que jogos e brincadeiras podem ser empregados tanto na avaliação quanto na intervenção psicopedagógica, favorecendo a observação e a construção de conhecimentos.

A avaliação clínica deve evitar rótulos precipitados e explicações reducionistas para os problemas de aprendizagem. Uma dificuldade na leitura, por exemplo, pode estar relacionada a fatores pedagógicos, emocionais, linguísticos, neurológicos ou familiares, sendo necessário analisar cada caso com cautela. O psicopedagogo trabalha com hipóteses e, quando identifica sinais que exigem investigação especializada, deve realizar os encaminhamentos necessários. O atendimento clínico requer a identificação das particularidades do processo de aprendizagem e a elaboração de estratégias compatíveis com as necessidades do sujeito (Resende e Campos, 2024 p. 12).

Após a avaliação, o psicopedagogo elabora um plano de intervenção com objetivos definidos, considerando as habilidades já desenvolvidas e aquelas que precisam ser estimuladas. Esse planejamento pode incluir propostas para ampliar a atenção, a concentração, a leitura, a escrita, a organização, a memória, o raciocínio lógico e a autonomia. As atividades devem ter sentido para o aprendente e apresentar desafios possíveis, evitando tanto tarefas excessivamente simples quanto situações que provoquem frustração intensa. Barbosa (2021) destaca que intervenções planejadas a partir da avaliação possibilitam trabalhar as necessidades identificadas de maneira mais direcionada.

A intervenção psicopedagógica também precisa contemplar a dimensão emocional do aprendente. Muitos sujeitos chegam ao

atendimento apresentando sentimentos de incapacidade, medo de errar, desmotivação ou resistência diante das tarefas escolares. Nesse caso, o trabalho clínico deve favorecer experiências de êxito, reconhecimento de avanços e elaboração das frustrações. Damaceno (2021) salienta que a afetividade ocupa posição central no processo de aprendizagem e que o vínculo construído durante o atendimento pode fortalecer a identidade e a autoestima do sujeito.

Os jogos e as atividades lúdicas constituem recursos importantes para a intervenção, pois permitem trabalhar habilidades cognitivas e emocionais de forma mais envolvente. Situações de jogo podem estimular planejamento, atenção, memória, respeito às regras, raciocínio, tomada de decisão e tolerância diante da derrota ou do erro. Além disso, possibilitam que o psicopedagogo observe sentimentos como ansiedade, competitividade, irritação, cooperação e insegurança. Oliveira, França e Rodrigues (2020) destacam que o lúdico favorece a produção de conhecimentos e pode contribuir para a prevenção e a superação de dificuldades de aprendizagem.

2.3. Desenvolvimento Emocional e Cognitivo na Aprendizagem

O desenvolvimento emocional e cognitivo apresenta relação direta com a forma como o sujeito aprende, enfrenta desafios e constrói sua autonomia. A cognição envolve processos como atenção, memória, linguagem, raciocínio, percepção, planejamento e resolução de problemas, enquanto a dimensão emocional compreende sentimentos, vínculos, autoestima, motivação e formas de lidar com frustrações. Essas dimensões não podem ser compreendidas de forma separada, pois uma interfere continuamente na outra. Damaceno (2021) ressalta que a psicopedagogia deve reconhecer a integração entre cognição,

afetividade e motricidade na constituição do desenvolvimento humano.

A aprendizagem exige disponibilidade emocional para experimentar, errar, perguntar e reorganizar pensamentos. Quando o sujeito apresenta medo excessivo de falhar ou se sente incapaz diante das tarefas, pode evitar situações que exijam esforço cognitivo. Essa resistência não representa necessariamente falta de interesse, podendo estar associada a experiências anteriores de fracasso, críticas frequentes ou comparações negativas. Vasconcellos, Vieira e Goldsztajn (2021) destacam que a compreensão do sujeito aprendente deve considerar sua história, sua subjetividade e os significados que atribui às experiências vividas.

A autoestima influencia a relação que o indivíduo estabelece com as atividades escolares e com os desafios cotidianos. Crianças, adolescentes ou adultos que acumulam experiências de insucesso podem desenvolver uma imagem negativa de si mesmos, acreditando que não são capazes de aprender. O trabalho psicopedagógico clínico busca romper esse ciclo por meio da valorização das potencialidades e da construção de experiências graduais de sucesso. Bady (2021) demonstra que intervenções voltadas à expressão e à criatividade podem contribuir para superar bloqueios que interferem no desenvolvimento cognitivo e emocional.

A afetividade também se manifesta na relação estabelecida entre o aprendente e o psicopedagogo. Um ambiente clínico acolhedor permite que o sujeito se sinta seguro para expor suas dúvidas e dificuldades, sem medo de ser punido ou ridicularizado. Essa

segurança emocional favorece o envolvimento com as propostas e amplia a possibilidade de persistência diante de tarefas mais complexas. Damaceno (2021) afirma que o acolhimento e o estabelecimento de vínculos positivos são fundamentais para que a intervenção psicopedagógica promova desenvolvimento integral.

Os aspectos cognitivos precisam ser estimulados de forma compatível com a etapa de desenvolvimento e com os conhecimentos prévios do sujeito. Não basta propor exercícios repetitivos; é necessário criar situações que favoreçam a reflexão, o planejamento e a descoberta de novas estratégias. Atividades que envolvem jogos, desafios e problemas cotidianos podem estimular o raciocínio de maneira significativa, desde que estejam relacionadas às necessidades do aprendiz. Oliveira, França e Rodrigues (2020) apontam que os recursos lúdicos podem favorecer a construção progressiva de conhecimentos e auxiliar na superação de dificuldades.

A psicomotricidade também possui relevância para o desenvolvimento cognitivo e emocional, especialmente na infância. O domínio corporal, a orientação espacial, a lateralidade, a coordenação motora e o equilíbrio podem influenciar tarefas como escrita, leitura, organização no papel e participação em atividades escolares. Além disso, o movimento pode contribuir para a expressão de emoções, para a autorregulação e para a interação com o ambiente. Pinheiro, Mello e Abed (2021) destacam que a articulação entre psicopedagogia e psicomotricidade favorece o desenvolvimento global da criança e prepara habilidades importantes para a aquisição da escrita.

A participação da família é outro elemento relevante na promoção do desenvolvimento emocional e cognitivo. As expectativas familiares, a forma de lidar com os erros, a rotina de estudos e a qualidade das interações podem favorecer ou dificultar a relação do sujeito com a aprendizagem. Por isso, o psicopedagogo pode orientar os responsáveis quanto à importância de acolher os avanços, estabelecer limites coerentes e evitar comparações que fragilizem a autoestima. Vasconcellos, Vieira e Goldszajn (2021) destacam que a escuta da família contribui para compreender o contexto do aprendente e para fortalecer a construção de estratégias mais adequadas.

O contato com a escola também pode contribuir para o sucesso da intervenção clínica. Professores e equipe pedagógica possuem informações sobre a participação do aluno, sua relação com colegas, suas reações às tarefas e os conteúdos que apresentam maior dificuldade. Quando ocorre diálogo entre clínica, família e escola, torna-se mais viável organizar adaptações, estratégias e formas de acompanhamento coerentes com as necessidades do sujeito. Cunha e Lucion (2020) ressaltam que a parceria entre psicopedagogo e escola pode auxiliar na identificação das dificuldades e na criação de possibilidades de intervenção.

3. METODOLOGIA

A pesquisa caracteriza-se como bibliográfica, de abordagem qualitativa, com finalidade exploratória e descritiva. Esse delineamento foi escolhido por possibilitar a análise de produções científicas sobre a atuação do psicopedagogo no contexto clínico e suas contribuições para o desenvolvimento emocional e cognitivo de sujeitos com dificuldades de aprendizagem. A investigação

concentrou-se na interpretação de conceitos, práticas avaliativas, estratégias de intervenção e resultados apresentados em estudos já publicados, sem a realização de contato direto com participantes.

O levantamento bibliográfico foi realizado em fontes científicas de acesso eletrônico, com consulta a periódicos disponíveis nas plataformas PePSIC, SciELO, Portal de Periódicos e repositórios institucionais de universidades. Foram utilizados os descritores: “psicopedagogia clínica”, “atuação do psicopedagogo”, “intervenção psicopedagógica”, “desenvolvimento cognitivo”, “afetividade”, “dificuldades de aprendizagem” e “avaliação psicopedagógica”. A busca considerou publicações em língua portuguesa, disponibilizadas integralmente em meio digital e relacionadas ao objeto de estudo.

Como critérios de inclusão, foram selecionados artigos científicos publicados entre 2020 e 2024 que abordassem diretamente a psicopedagogia clínica, o diagnóstico psicopedagógico, as intervenções diante de dificuldades de aprendizagem e a relação entre aspectos emocionais e cognitivos. Foram excluídos estudos duplicados, textos sem autoria identificada, materiais de caráter opinativo e publicações que tratassem exclusivamente da atuação institucional sem relação com a prática clínica. Ao final, foram definidos dez artigos para compor o corpus da pesquisa.

A coleta dos dados ocorreu por meio da leitura integral dos estudos selecionados e do registro das informações em quadro de análise. Foram observados o título, a autoria, o ano de publicação, os objetivos, a metodologia, os principais resultados e as contribuições de cada produção para o tema investigado. Os dados foram organizados de forma descritiva e interpretados qualitativamente,

buscando identificar aproximações, diferenças e contribuições dos estudos acerca da atuação do psicopedagogo clínico na promoção da aprendizagem, da autonomia, da autoestima e do desenvolvimento integral do aprendente.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

A análise dos dez estudos selecionados permitiu identificar contribuições relevantes da psicopedagogia clínica para a compreensão e o enfrentamento das dificuldades de aprendizagem. Os trabalhos foram examinados quanto ao foco investigativo, aos procedimentos metodológicos e às principais contribuições relacionadas à avaliação, à intervenção e ao desenvolvimento emocional e cognitivo dos aprendentes.

Tabela 1. Síntese dos estudos analisados

Autor(es)/ano	Tipo de estudo	Foco principal	Contribuição para a pesquisa
Cunha e Lucion (2020)	Pesquisa qualitativa de campo	Atuação clínica e institucional	Destaca a parceria entre psicopedagogo, família e escola.
Oliveira, França e Rodrigues (2020)	Revisão bibliográfica	Jogos e brincadeiras	Evidencia o lúdico como recurso de avaliação e intervenção.
Bady (2021)	Estudo de caso	Arteterapia e inibição cognitiva	Aponta a expressão artística como estratégia de desenvolvimento global.

Barbosa (2021)	Estudo de caso	Dislexia e avaliação psicopedagógica	Demonstra a importância do diagnóstico e da intervenção individualizada.
Damaceno (2021)	Estudo teórico	Afetividade, cognição e motricidade	Defende uma compreensão integral do sujeito aprendiz.
Gomes e Pavão (2021)	Estudo qualitativo	Acompanhamento psicopedagógico	Ressalta a escuta dialogal e o vínculo terapêutico.
Pinheiro, Mello e Abed (2021)	Estudo teórico	Psicomotricidade e alfabetização	Relaciona habilidades motoras e desenvolvimento da escrita.
Vasconcellos, Vieira e Goldszajn (2021)	Estudo teórico-reflexivo	Anamnese e subjetividade	Valoriza a história de vida e o contexto familiar no diagnóstico.
Nascimento, Figueiredo e Nascimento (2022)	Revisão bibliográfica	Psicomotricidade e dificuldades de aprendizagem	Aponta benefícios da integração entre práticas psicopedagógicas e corporais.
Resende e Campos (2024)	Pesquisa bibliográfica e documental	Intervenção clínica no TEA	Reforça a necessidade de estratégias individualizadas e multidisciplinares.

Fonte: Elaborado com base nos estudos selecionados (2020-2024).

4.1. Atuação do Psicopedagogo Clínico Diante das Dificuldades de Aprendizagem

A análise do corpus demonstrou que a atuação do psicopedagogo clínico é compreendida como um trabalho voltado à investigação das dificuldades de aprendizagem e à construção de estratégias de intervenção individualizadas. Os estudos selecionados indicam que esse profissional não se limita ao reforço de conteúdos escolares, pois busca compreender a forma como o sujeito se relaciona com o conhecimento, com os erros e com os desafios cotidianos. Cunha e Lucion (2020) evidenciam que a prática psicopedagógica envolve tanto a identificação das dificuldades quanto a mediação de caminhos para sua superação.

Observou-se que seis dos dez estudos analisados possuem natureza bibliográfica, teórica ou reflexiva, enquanto quatro apresentam estudos de caso ou pesquisa de campo. Esse dado revela que a produção científica sobre psicopedagogia clínica ainda possui forte concentração em discussões conceituais, embora existam pesquisas que descrevem experiências práticas de avaliação e intervenção. Bady (2021), Barbosa (2021) e Gomes e Pavão (2021) apresentam exemplos de acompanhamento psicopedagógico que aproximam a fundamentação teórica das situações vivenciadas no atendimento.

Os resultados apontam que a clínica psicopedagógica se organiza a partir da compreensão de que as dificuldades de aprendizagem não possuem uma única causa. Problemas relacionados à leitura, escrita, raciocínio lógico, atenção ou organização podem estar associados a aspectos emocionais, familiares, sociais, pedagógicos, linguísticos ou neurológicos. Portanto, a atuação clínica exige uma análise cuidadosa para evitar que o sujeito seja rotulado apenas como

desinteressado ou incapaz. Vasconcellos, Vieira e Goldsztajn (2021) ressaltam que o diagnóstico psicopedagógico deve considerar o aprendente em suas dimensões racional, afetiva, simbólica e relacional.

A individualização do atendimento aparece como uma das principais características da atuação do psicopedagogo clínico. Cada sujeito apresenta uma história de vida, um ritmo de desenvolvimento, experiências escolares e formas próprias de lidar com os desafios. Assim, os estudos indicam que a intervenção precisa ser construída a partir das necessidades identificadas durante o processo avaliativo, sem a aplicação de modelos rígidos e padronizados. Resende e Campos (2024) destacam que a compreensão das potencialidades e limitações de cada aprendente orienta a definição de objetivos clínicos mais adequados.

A análise também demonstrou que o psicopedagogo atua como mediador entre o sujeito e o conhecimento. Essa mediação ocorre quando o profissional cria condições para que o aprendente compreenda seus erros, desenvolva novas estratégias de pensamento e reconheça suas próprias capacidades. Em vez de oferecer respostas prontas, o atendimento clínico estimula a participação ativa, a curiosidade, a autonomia e o enfrentamento gradual das dificuldades. Oliveira, França e Rodrigues (2020) afirmam que os recursos psicopedagógicos podem favorecer a elaboração de conhecimentos e auxiliar o sujeito na superação de obstáculos presentes no processo de aprender.

Outro resultado relevante refere-se à necessidade de articulação entre clínica, família e escola. Embora o atendimento aconteça em um espaço individualizado, as dificuldades de aprendizagem se

manifestam e são influenciadas por diferentes contextos de vida. A família pode contribuir com informações sobre a rotina, a história de desenvolvimento e as experiências emocionais do sujeito, enquanto a escola oferece dados sobre participação, comportamento e desempenho nas atividades pedagógicas. Cunha e Lucion (2020) destacam que a parceria entre psicopedagogo e educadores pode favorecer a identificação das dificuldades e a definição de estratégias mais coerentes.

Os estudos também evidenciam a importância do trabalho multiprofissional em situações que ultrapassam os limites da atuação psicopedagógica. Quando são identificados indícios de alterações de linguagem, transtornos específicos de aprendizagem, sofrimento emocional intenso ou questões neurológicas, torna-se necessário encaminhar o aprendente para avaliação de outros especialistas. Essa postura contribui para uma compreensão mais completa do caso e evita intervenções isoladas ou inadequadas. Resende e Campos (2024) ressaltam que o acompanhamento de sujeitos com transtornos do neurodesenvolvimento requer diálogo entre diferentes áreas profissionais.

A presença de demandas relacionadas à dislexia, ao transtorno do espectro autista, à inibição cognitiva e às dificuldades de alfabetização foi identificada em parte significativa dos estudos. Essas demandas exigem planejamento, acompanhamento contínuo e respeito ao ritmo de cada indivíduo. Barbosa (2021) demonstra que a avaliação psicopedagógica contribui para a formulação de hipóteses relacionadas à dislexia e para a elaboração de intervenções voltadas à leitura, à escrita e à aritmética. Dessa maneira, a atuação clínica contribui para diminuir os impactos das dificuldades no cotidiano escolar e social.

A escuta qualificada foi apontada como elemento indispensável para a prática psicopedagógica clínica. O sujeito atendido precisa encontrar um ambiente em que possa falar sobre suas experiências, seus medos e suas expectativas, sem ser definido exclusivamente pela dificuldade apresentada. A escuta permite compreender os significados que o aprendiz atribui ao estudo, à escola, aos erros e às relações familiares. Gomes e Pavão (2021) destacam que o vínculo terapêutico e o diálogo entre profissional e aprendiz fortalecem a participação no acompanhamento psicopedagógico.

Em síntese, os resultados indicam que o psicopedagogo clínico exerce uma função investigativa, interventiva e mediadora. A eficácia de sua atuação está relacionada à capacidade de compreender o sujeito de maneira integral, planejar estratégias adequadas e estabelecer diálogo com os contextos que participam de sua aprendizagem. Os estudos convergem ao demonstrar que o atendimento não deve se limitar à correção de falhas acadêmicas, mas promover condições para que o aprendiz desenvolva autonomia e confiança. Damasceno (2021) reforça que a psicopedagogia precisa considerar a pessoa em sua totalidade, integrando aspectos cognitivos, emocionais e corporais.

4.2. Avaliação Psicopedagógica e Estratégias de Intervenção Clínica

A avaliação psicopedagógica foi identificada como uma etapa central para a organização do atendimento clínico. Os estudos analisados mostram que a compreensão da dificuldade de aprendizagem depende de uma investigação que ultrapasse a análise de notas, exercícios ou resultados escolares. É necessário conhecer o percurso do aprendiz, suas experiências anteriores,

sua relação com os conteúdos e suas reações diante das tarefas. Barbosa (2021) evidencia que a avaliação orienta a construção de hipóteses e permite definir intervenções mais condizentes com as necessidades apresentadas.

A anamnese destacou-se como um recurso essencial para o levantamento de informações sobre a história de vida e o contexto familiar do sujeito. Por meio dessa etapa, o psicopedagogo pode compreender aspectos do desenvolvimento, da rotina, das relações familiares e das experiências escolares que influenciam o processo de aprendizagem. A escuta dos responsáveis não deve ter caráter de julgamento, mas de compreensão das condições que envolvem o aprendente. Vasconcellos, Vieira e Goldsztajn (2021) apontam que a anamnese favorece a integração entre passado, presente e expectativas futuras da família em relação ao desenvolvimento do sujeito.

A observação clínica também constitui um procedimento relevante, pois permite analisar como o aprendente responde às propostas apresentadas durante as sessões. A forma de iniciar uma atividade, pedir ajuda, persistir diante do erro, respeitar regras ou demonstrar interesse oferece elementos importantes para a compreensão de suas estratégias cognitivas e emocionais. Durante o atendimento, o psicopedagogo pode observar atenção, memória, linguagem, raciocínio, organização, criatividade e capacidade de resolver problemas. Bady (2021) demonstra que a observação das expressões e comportamentos do sujeito pode contribuir para identificar bloqueios que interferem em seu desenvolvimento.

Os estudos indicam que atividades de leitura, escrita, cálculo, jogos, produção de textos, desenhos e desafios de lógica são recursos que

podem ser utilizados no processo avaliativo. Essas propostas auxiliam o profissional a verificar o nível de desenvolvimento das habilidades acadêmicas e a compreender os procedimentos utilizados pelo aprendente para realizar cada tarefa. O foco não está apenas no resultado final, mas também no caminho percorrido, nas dúvidas apresentadas e nas estratégias mobilizadas. Barbosa (2021) destaca que a investigação das habilidades de leitura, escrita e aritmética é importante para identificar necessidades específicas de intervenção.

Após o período avaliativo, torna-se necessário elaborar um plano de intervenção com objetivos definidos e possíveis de serem alcançados. Esse planejamento deve considerar tanto as dificuldades identificadas quanto as habilidades já desenvolvidas pelo sujeito, de modo a evitar propostas excessivamente complexas ou pouco desafiadoras. A intervenção precisa apresentar continuidade, organização e flexibilidade para acompanhar os avanços e as novas demandas surgidas durante o atendimento. Resende e Campos (2024) defendem que o planejamento clínico deve respeitar a singularidade do aprendente e utilizar estratégias compatíveis com suas necessidades.

Os jogos e as brincadeiras foram recorrentes nos estudos como recursos de intervenção psicopedagógica. Essas atividades podem estimular atenção, memória, raciocínio lógico, planejamento, linguagem, respeito às regras e tolerância à frustração. Além de favorecer o desenvolvimento cognitivo, o lúdico permite observar como o sujeito lida com a competição, a perda, a cooperação e a necessidade de rever estratégias. Oliveira, França e Rodrigues (2020) ressaltam que os jogos podem ser utilizados tanto para avaliar

quanto para intervir nas dificuldades de aprendizagem, tornando o processo mais significativo e participativo.

A expressão artística apareceu como outra possibilidade de intervenção clínica, sobretudo para sujeitos que apresentam bloqueios cognitivos, baixa autoestima ou dificuldade de verbalizar sentimentos. Atividades como desenho, pintura, colagem, modelagem e construção de narrativas podem favorecer a criatividade, a simbolização e a comunicação de experiências emocionais. Esses recursos ampliam o repertório de intervenção e permitem que o aprendente participe de maneira mais espontânea do processo terapêutico. Bady (2021) demonstra que a arteterapia pode contribuir para a superação de inibições cognitivas e para o fortalecimento da relação do sujeito com a aprendizagem.

A integração entre psicopedagogia e psicomotricidade também foi apontada como estratégia relevante, principalmente no atendimento de crianças em processo de alfabetização. Aspectos como lateralidade, coordenação motora, orientação espacial, equilíbrio e organização corporal podem interferir no desenvolvimento da escrita, da leitura e da autonomia para realizar atividades escolares. A utilização de propostas corporais e lúdicas pode favorecer a aprendizagem de maneira mais ampla, respeitando as características do desenvolvimento infantil. Pinheiro, Mello e Abed (2021) destacam que a psicomotricidade contribui para a construção de habilidades importantes para a aquisição da escrita.

O acompanhamento contínuo constitui outro elemento indispensável para a intervenção psicopedagógica. Os resultados não devem ser avaliados apenas ao final do atendimento, pois os avanços podem ocorrer de forma gradual e apresentar ritmos

diferentes conforme a habilidade trabalhada. O psicopedagogo precisa registrar observações, rever metas e adaptar atividades quando necessário, acompanhando as respostas do aprendente ao longo das sessões. Gomes e Pavão (2021) ressaltam que a definição de objetivos e a construção de vínculos favorecem a continuidade do processo de acompanhamento psicopedagógico.

A discussão dos estudos demonstra que não existe uma técnica única ou um instrumento capaz de responder a todas as dificuldades de aprendizagem. A qualidade da intervenção depende da articulação entre avaliação cuidadosa, planejamento individualizado, vínculo terapêutico e diálogo com a família e a escola. Os recursos utilizados precisam possuir intencionalidade e estar relacionados às necessidades identificadas no processo clínico. Nascimento, Figueiredo e Nascimento (2022) reforçam que a integração entre diferentes práticas, incluindo atividades psicomotoras e lúdicas, pode contribuir para reduzir dificuldades e ampliar as possibilidades de aprendizagem.

4.3. Contribuições da Psicopedagogia Clínica para o Desenvolvimento Emocional e Cognitivo

Os estudos analisados indicam que a psicopedagogia clínica contribui para o desenvolvimento cognitivo ao estimular habilidades relacionadas à atenção, à memória, ao raciocínio, à linguagem, à leitura, à escrita e à resolução de problemas. As intervenções planejadas permitem que o sujeito desenvolva estratégias mais eficientes para lidar com tarefas que anteriormente provocavam insegurança ou desistência. Esse processo ocorre de forma gradual, respeitando os conhecimentos prévios e o ritmo de aprendizagem de cada indivíduo. Barbosa (2021) demonstra que intervenções

direcionadas podem favorecer avanços nas habilidades acadêmicas de sujeitos com dificuldades específicas de aprendizagem.

A análise também mostrou que o desenvolvimento cognitivo não deve ser compreendido apenas como aumento do desempenho escolar. Aprender envolve organizar pensamentos, formular hipóteses, reconhecer erros, testar possibilidades e construir novas formas de resolver situações-problema. Quando o sujeito participa ativamente desse processo, tende a desenvolver maior autonomia intelectual e segurança para enfrentar desafios. Oliveira, França e Rodrigues (2020) apontam que as atividades lúdicas possibilitam experiências de aprendizagem nas quais o aprendente pode elaborar conhecimentos e experimentar diferentes estratégias de ação.

Os aspectos emocionais aparecem como elementos decisivos para a relação estabelecida com a aprendizagem. Sentimentos de medo, ansiedade, baixa autoestima, vergonha ou frustração podem comprometer a participação do sujeito em atividades que exigem esforço cognitivo. Em contrapartida, experiências de acolhimento, reconhecimento e sucesso gradual contribuem para aumentar a confiança e a disponibilidade para aprender. Damaceno (2021) destaca que a afetividade deve ocupar lugar central no trabalho psicopedagógico, pois influencia diretamente o desenvolvimento integral do indivíduo.

A autoestima foi identificada como uma dimensão frequentemente relacionada às dificuldades de aprendizagem. Muitos aprendentes chegam ao atendimento clínico com a crença de que não conseguem aprender ou de que sempre irão falhar diante das tarefas escolares. Essa percepção pode ser resultado de experiências

repetidas de insucesso, críticas excessivas ou comparações negativas com outros estudantes. O atendimento psicopedagógico busca reconstruir essa relação por meio da valorização das potencialidades e da criação de situações em que o sujeito perceba seus próprios avanços. Bady (2021) evidencia que intervenções expressivas podem auxiliar no enfrentamento de bloqueios e na ampliação da confiança do aprendente.

A integração entre cognição e afetividade é um dos principais resultados evidenciados pela literatura analisada. Os estudos rejeitam a ideia de que o processo de aprender seja exclusivamente intelectual e demonstram que emoções, relações sociais e experiências corporais participam da construção do conhecimento. Dessa forma, o psicopedagogo precisa observar não apenas o que o sujeito sabe ou deixa de saber, mas também como reage ao aprender e quais sentidos atribui a essa experiência. Vasconcellos, Vieira e Goldsztajn (2021) defendem que o sujeito aprendente deve ser compreendido em sua história, subjetividade e inserção relacional.

As contribuições da psicomotricidade reforçam essa perspectiva integrada de desenvolvimento. O corpo, o movimento, a percepção espacial e a coordenação motora participam de atividades importantes para a alfabetização e para a autonomia cotidiana. Propostas que utilizam jogos corporais, manipulação de objetos, desafios motores e atividades de orientação espacial podem contribuir para o desenvolvimento cognitivo e para a expressão emocional. Pinheiro, Mello e Abed (2021) afirmam que a articulação entre psicomotricidade e psicopedagogia favorece o desenvolvimento global da criança e amplia as condições para a aprendizagem da escrita.

Os resultados evidenciam ainda que a participação da família e da escola fortalece as contribuições da intervenção clínica. Quando os responsáveis compreendem as necessidades do aprendente e recebem orientações adequadas, podem colaborar para a construção de uma rotina mais favorável à aprendizagem. Da mesma forma, o diálogo com professores permite identificar mudanças no comportamento e no desempenho escolar, além de favorecer a continuidade das estratégias fora do espaço clínico. Cunha e Lucion (2020) destacam que a atuação conjunta entre psicopedagogo, família e escola contribui para a prevenção e o enfrentamento das dificuldades de aprendizagem.

A individualização das estratégias foi outro aspecto recorrente nos estudos. Não é possível estabelecer uma intervenção única para todos os sujeitos, pois as dificuldades se apresentam de formas diferentes e possuem relações específicas com a história de vida, o desenvolvimento e o contexto social de cada aprendente. A prática clínica exige flexibilidade para adaptar recursos, objetivos e formas de acompanhamento ao longo do processo. Resende e Campos (2024) ressaltam que intervenções voltadas a sujeitos com diferentes necessidades de desenvolvimento precisam considerar suas singularidades e potencialidades.

Apesar das contribuições identificadas, a análise revelou limites na produção científica sobre psicopedagogia clínica. Predominam estudos bibliográficos, reflexivos e relatos de caso, havendo menor quantidade de pesquisas empíricas com acompanhamento prolongado e critérios comparativos de resultados. Essa limitação não reduz a importância dos estudos existentes, mas indica a necessidade de ampliar investigações que examinem os efeitos das intervenções em diferentes faixas etárias e contextos. Sousa (2024)

destaca que a prática psicopedagógica necessita de formação continuada e reflexão permanente para aprimorar suas estratégias e fortalecer sua produção de conhecimento.

Conclui-se, a partir dos resultados, que a atuação do psicopedagogo clínico contribui para o desenvolvimento emocional e cognitivo ao oferecer avaliação ampla, planejamento individualizado, vínculo acolhedor e intervenções compatíveis com as necessidades do aprendente. A questão-problema proposta foi respondida, pois os estudos demonstram que a clínica psicopedagógica favorece a autonomia, a autoestima, a organização do pensamento e a ampliação de habilidades relacionadas à aprendizagem. Damaceno (2021) reforça que o desenvolvimento humano ocorre pela integração entre afetividade, cognição e motricidade, aspecto que deve orientar a prática psicopedagógica clínica.

5. CONCLUSÃO

O estudo alcança o objetivo de analisar a atuação do psicopedagogo no contexto clínico e evidencia que esse profissional contribui para o desenvolvimento emocional e cognitivo ao realizar avaliações amplas, planejar intervenções individualizadas e valorizar as potencialidades do aprendente. A questão-problema é respondida, pois a prática clínica favorece a compreensão das dificuldades de aprendizagem, fortalece a autonomia e promove uma relação mais positiva do sujeito com o conhecimento.

Conclui-se que a atuação psicopedagógica clínica não se restringe ao aprimoramento do desempenho escolar. Ela considera fatores cognitivos, afetivos, familiares, sociais e psicomotores, reconhecendo que a aprendizagem ocorre de forma integral. O vínculo terapêutico,

a escuta qualificada, o uso de jogos, atividades expressivas e estratégias psicomotoras constituem recursos importantes para estimular habilidades, reduzir inseguranças e ampliar a participação do aprendente nas situações de aprendizagem.

Como limitação, o estudo baseia-se em pesquisa bibliográfica e não acompanha diretamente casos clínicos em longo prazo. Recomenda-se que futuras pesquisas desenvolvam estudos de campo com diferentes faixas etárias, comparem estratégias de intervenção e investiguem os efeitos do acompanhamento psicopedagógico na autoestima, no desempenho escolar e na autonomia dos sujeitos atendidos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BADY, Janaína Bueno. **O fazer arteterapêutico como abordagem de intervenção psicopedagógica desenvolvido com uma criança afetada por inibição cognitiva: um estudo de caso.** *Construção Psicopedagógica*, São Paulo, v. 29, n. 30, p. 79-90, 2021. DOI: 10.37388/CP2021/v29n30a04. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1415-69542021000100008&script=sci_abstract. Acesso em: 19 jul. 2026.

BARBOSA, Sebastião Gomes. **Avaliação e intervenção psicopedagógicas: um estudo de caso de uma criança em idade escolar com hipótese de dislexia.** *Cadernos de Pós-graduação*, [S. l.], v. 20, n. 1, p. 203-217, 2021. DOI: 10.5585/cpg.v20n1.19439. Disponível em: <https://periodicos.uninove.br/cadernosdepos/article/view/19439>. Acesso em: 19 jul. 2026.

CUNHA, Diana da; LUCION, Cibeles da Silva. **A atuação do psicopedagogo clínico e institucional nas dificuldades de**

aprendizagem junto à escola. *Saberes Pedagógicos*, Criciúma, v. 4, n. 1, p. 102-123, 2020. Disponível em: <https://periodicos.unesc.net/ojs/index.php/pedag/article/download/5738/5157/15200>. Acesso em: 19 jul. 2026.

DAMACENO, Tharcila. **As contribuições do pensamento walloniano em intervenções psicopedagógicas.** *Construção Psicopedagógica*, São Paulo, v. 29, n. 30, p. 69-78, 2021. DOI: 10.37388/CP2021/v29n30a03. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1415-69542021000100007&script=sci_arttext. Acesso em: 19 jul. 2026.

GOMES, Caio Cesar; PAVÃO, Silvia Maria de Oliveira. **Intervenção psicopedagógica no ensino superior.** *Construção Psicopedagógica*, São Paulo, v. 29, n. 30, p. 37-49, 2021. DOI: 10.37388/CP2021/v29n30a05. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1415-69542021000100004&script=sci_abstract. Acesso em: 19 jul. 2026.

NASCIMENTO, Heluiza Ormelez de Almeida; FIGUEIREDO, Emerson de Oliveira; NASCIMENTO, Everton Ricardo do. **Associação da psicopedagogia à psicomotricidade no processo de mitigação das dificuldades de aprendizagem.** *Revista Educação, Cultura e Sociedade*, v. 12, n. 1, 2022. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/recs/article/view/10613>. Acesso em: 19 jul. 2026.

OLIVEIRA, Maria Polyana Silva; FRANÇA, Michelle Gomes Camargo; RODRIGUES, Marta Roberta da Silva. **A intervenção psicopedagógica por meio do jogo e da brincadeira.** *Revista de Educação, Saúde e Ciências do Xingu*, v. 1, n. 2, p. 53-62, 2020. Disponível em:

<https://periodicos.uepa.br/index.php/rescx/article/download/2741/1358/8675>. Acesso em: 19 jul. 2026.

PINHEIRO, Cássia Bastos; MELLO, Ana Maria Garcia de; ABED, Anita Lillian Zuppo. **Psicopedagogia e psicomotricidade: contribuições ao professor alfabetizador.** *Construção Psicopedagógica*, São Paulo, v. 30, n. 31, p. 54-68, 2021. DOI: 10.37388/CP2021/v30n31a07. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1415-69542021000200007&script=sci_abstract. Acesso em: 19 jul. 2026.

RESENDE, Samilly Danielly de; CAMPOS, Sonia Maria de. **Transtorno do espectro autista: diagnóstico e intervenção psicopedagógica clínica.** *Revista Psicopedagogia*, São Paulo, v. 41, n. 125, p. 350-365, 2024. DOI: 10.51207/2179-4057.20240034. Disponível em: <https://revistapsicopedagogia.com.br/revista/article/view/60>. Acesso em: 19 jul. 2026.

VASCONCELLOS, Ana Celina Aquino; VIEIRA, Cinthia Peixoto; GOLDSZTAJN, Danielle. **A constituição do sujeito e sua história de vida: ampliando o olhar na prática psicopedagógica.** *Construção Psicopedagógica*, São Paulo, v. 29, n. 30, 2021. DOI: 10.37388/cp2021/v29n30a01. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1415-69542021000100006&script=sci_arttext. Acesso em: 19 jul. 2026.

¹ Especialização em psicopedagogia Institucional e Clínica ,pela a faculdade São Salvador e Licenciado em Pedagogia pela a Faculdade Educacional da Lapa - FAEL. E-mail: [acesse o artigo original para visualizar o e-mail](#). ORCID: <https://orcid.org/0009-0003-1450-5544>

